

a segunda vida de sylvia
hillary yablon

Tradução de Sónia Maia

CAPÍTULO 1



Admito. Tenho fantasias. Claro que tenho. Quem as não tem? Se quisesse fazer uma lista das minhas fantasias, as que me vêm à ideia são as seguintes:

Ser corredora. Fiz 63 anos no mês passado; tenho a certeza de que o meu corpo sofreria um choque considerável. Mas, céus, como adoraria acordar e vestir uns adoráveis calções de corrida que vejo nas raparigas hoje em dia. Quando a minha filha, Isabel, entrou para a equipa de corta-mato do liceu, cheguei a pensar em meter-me nisso. Pensei que faríamos corridas de mãe e filha, mas, por algum motivo, havia sempre demasiadas coisas para fazer. A Izzy tinha um milhão de atividades. Eu estava sempre no carro, levando-a a algum lado, como todas as outras donas de casa do Connecticut.

Dantes tinha fantasias sobre sair do Connecticut. Nem que fosse só por uma noite. Apanhar o comboio para Manhattan e experimentar um daqueles «novos lugares da moda» de que as pessoas estavam sempre a falar. Tomar um copo de vinho no bar, e depois...

OK, a verdade é que tive esta fantasia quase todos os dias desde que a Izzy foi para a universidade. Agora penso em voltar para lá e deixar esta horrível comunidade de reformados na Florida para onde o meu marido, Louis, insistiu que nos mudássemos. Boca Beach Gables, abreviadamente BBG. Não me entendam mal. É muito agradável. Muito bonito, muito luxuoso, muito cor-de-rosa. Mas eu detesto o sol. Detesto a humidade. Detesto o modo como os dias parecem compridos e vazios. Nunca me senti tão sozinha.

Imagino como teria sido se, em vez de ter casado com o meu marido logo a seguir à universidade, tivesse tido uma carreira no estrangeiro, nalgum lugar vibrante. Como Londres.

Imagino-me a pegar num taco e a bater com ele na cara cheia de *botox* de Blanche Teller. Talvez porque Blanche está, neste momento, sentada em

cima do meu marido, nua. Está virada para mim. Como sou uma fã ávida de *O Sexo e a Cidade* (vi-o seis vezes do princípio ao fim), sei que Blanche está na posição de «*cowgirl* invertida».

Por um momento, fantasio que estou em *cowgirl* invertida com o Marcus, o nosso instrutor de *spin*. É o melhor que posso dizer do BBG — têm uma equipa fantástica. O Marcus é lindo. Finjo não saber como ajustar o selim da bicicleta para que ele me ajude. Quase consigo sentir as suas mãos na parte de baixo das minhas costas neste mesmo instante...

Merda. Devo ter-me deixado levar por esta fantasia, porque não ouço as tentativas de Louis e Blanche comunicarem comigo.

— Sylvia! — chama-me Louis. — Meu Deus, Sylvia! Diz alguma coisa.

Mas estou paralisada. Não consigo mexer a boca. Portanto, em vez disso olho para a esquerda e vejo o meu reflexo no espelho por cima da cómoda. Para ser sincera, acho que estou com muito bom aspeto. Por muito que o deteste, o sol da Florida deu alguma cor à minha pele clara. E acabei de ir à cabeleireira. Ela convenceu-me a adotar uma imagem mais alourada e fez madeixas no meu cabelo pelos ombros. Trago o conjunto de calças de linho e blusa de algodão que se tornou aqui no meu uniforme. Continuo a dizer a mim mesma que tem classe e é funcional, mas, no fundo, sinto-me desinteressante e desmazelada. Adoro roupas. Mas há alguma coisa em fazer compras no Sul da Florida que me faz sentir velha. Como se estivesse um passo mais perto dos ténis brancos e das calças de fato de treino.

Passo uma mão pelo cabelo e franzo o sobrolho. Onde ia eu? Certo. Estou no quarto do meu apartamento com vista para o mar, olhando para o corpo nu de Blanche Teller. Agora ela está sentada na cama *ao lado* do meu marido, em vez de estar em cima dele. Louis está embrulhado nos lençóis. Típico. Sempre foi egoísta.

— Oh, meu Deus, Sylvia. Isto não é o que pensas — diz Blanche, estremeecendo um pouco.

— Ah, que alívio — comento. — Porque pensei que estivesse a fazer sexo com o meu marido. Mas talvez estivessem só a jogar *bridge*. Mas sem roupa. E sem cartas.

Blanche pestaneja. Não consigo parar de olhar para as suas mamas enormes. São bastante arrebitadas e, segundo nos disse na Noite de Vinho para Senhoras do mês passado, acabadas de refazer pelo melhor cirurgião do Sul da Florida.

— Por quanto tempo tencionas ficar aí sentada, nua? — pergunto.

— É que... lamento imenso, Sylvia. Mas importas-te? — A voz de

Blanche falha e sigo o seu olhar, baixando os olhos. Estou em cima do sutiã dela. Instintivamente, baixo-me e apanho-o. Parece uma pequena tenda. Atiro-lho.

— Obrigada — diz Blanche, enquanto veste o sutiã. Obviamente, é transparente e, por algum motivo, os seus mamilos parecem ainda maiores por baixo da renda preta.

— Fazes depilação completa? — Não controlo o que sai da minha boca. O que se agrava em situações de tensão. Além disso, Blanche está agora de pé e tenho uma vista frontal completa do corpo dela. — Pergunto porque estive a ver o episódio de *O Sexo e a Cidade* onde a Carrie não consegue decidir o que pensa dos homens que gostam de uma rata totalmente depilada.

Louis parece totalmente escandalizado.

— Sylvia!

— O que é? Não posso dizer «rata»? Tu é que estás a fazer sexo com uma mulher que sabes que odeio.

— Odeias-me? — Blanche parece surpreendida. — Pensei que éramos amigas.

Apetece-me bater-lhe. Mas em vez disso deito-lhe um olhar furioso.

— Sai daqui.

— Tens razão! Desculpa! Eu só, hum... só não sei onde estão as minhas roupas.

Claro que não sabe. Como se por reflexo, ponho-me de joelhos e começo a procurar as roupas debaixo da cama.

Louis agacha-se junto a mim.

— Sylvia — diz, com a voz estrangulada. — Lamento imenso. Não tens de fazer isto.

— Ajuda-me só a encontrar o raio das roupas. — A minha voz soa abafada, pois estou deitada sobre a barriga e contorço-me para avançar mais para baixo da cama.

Louis suspira e levanta-se. De onde estou vejo os pés dele e os de Blanche deslocando-se pelo quarto.

— Louis — sussurra Blanche. Não ouço o resto do que ela diz, mas vejo os pés de Louis a saírem do quarto.

Está escuro debaixo da cama. A tapete é cinzento-metalizada — o que nunca seria a minha primeira escolha — e mal consigo ver alguma coisa. Tenho os braços estendidos e passo-os lentamente pelo chão. Finalmente, as minhas mãos tocam alguma coisa de renda e obscenamente pequena.

— Acho que encontrei as tuas cuecas — grito, saindo de baixo da cama a rastejar.

Antes de me levantar, olho por cima do ombro. A costa está livre. Dissimuladamente, viro a fio dental de Blanche do avesso para ver a etiqueta impressa no cóis. Tamanho XS.

Aquela cabra.

Ponho-me de pé e estendo as cuecas a Blanche.

— Pronto. Agora sai.

Blanche veste-as e assente.

— Só preciso do meu vestido. Ou, se quiseres que saia, talvez possas emprestar-me alguma coisa tua?

— Ambas sabemos que as minhas roupas não te servem.

— Não sejas tonta! Vestimos praticamente o mesmo tamanho.

— Tenho mais quinze centímetros e mais quinze quilos do que tu. — A minha voz é inexpressiva.

Blanche abana uma mão, como se fôssemos amigas a almoçar, à pesca de elogios.

— Tens uma silhueta fantástica. Dava tudo para ser alta e atlética como tu.

Está a mentir. Adora ser pequena e feminina. Estou doente de inveja da sua barriga lisa. A última coisa que preciso de ver é o corpo dela a nadar nas minhas roupas. E preferia morrer a vê-la sair dali com uma das grandes *t-shirts* de Louis, como se isto fosse uma república estudantil.

Engulo em seco.

— Vamos encontrar o teu vestido. Onde achas que está?

— Na ventoinha do teto — diz Louis, entrando vindo da sala. Continua só de boxers e parece sem fôlego. — Tentei usar um mata-moscas para o tirar de lá. Mas está mesmo emaranhado.

Pestanejo.

— Desculpa, disseste a ventoinha do teto?

Louis assente. Pestanejo outra vez. Como me escapou isso a caminho do quarto? E, a sério, qual terá sido o nível de paixão desta sessão de sexo? Louis tem problemas de costas. Desde quando se transformou num acrobata sexual? Ainda devo estar a olhar para eles, porque Louis aclara a garganta e acaba por dizer:

— Posso ter de chamar a manutenção para o tirarem de lá.

Um espasmo de humilhação trespassa-me o corpo.

— Louis, eu aguento muita coisa. Mas preferia ser queimada viva a que

o Derek, da manutenção, viesse aqui tirar o vestido da Blanche da nossa ventoinha de teto. Vai-me buscar a porcaria de um cabide.

Os olhos de Blanche arregalam-se. Mas o rosto de Louis é de pedra. A única outra vez que me viu assim foi quando eu estava em trabalho de parto. Obedece rapidamente, tira um cabide do armário e dá-mo.

Reunindo os últimos vestígios de dignidade que me restam, endireito os ombros e entro na sala.

Realmente, mesmo por cima do sofá, o vestido de verão de Blanche está enroscado em volta da única peça que comprei para o nosso apartamento pré-mobilado: a Big Ass Fan¹. Chama-se mesmo assim. São muito chiques. Enormes e feitas de madeira trabalhada à mão. Dá uma atmosfera de Bali ao espaço. Agora, claro, é mais uma atmosfera de bordel.

Blanche e Louis — os dois ainda em roupa interior — ficam a olhar, enquanto eu subo cautelosamente para o braço do sofá e alcanço o vestido.

— Cuidado, Sylvie — diz Louis.

— Não me chames isso. Nunca mais me chames isso, foda-se — digo, com os dentes cerrados, enquanto tento colocar o cabide no ângulo certo para puxar o vestido.

Falho.

Inspiro fundo e equilibro-me, atirando o cabide para a frente mais uma vez. Prendo o vestido e desenredo-o, lentamente, das pás da ventoinha.

Louis está impressionado.

— Conseguieste! Uau!

Por um momento fico bastante impressionada comigo mesma, mas...

Caio do sofá. Blanche e Louis correm para mim.

— Estou bem — digo, esfregando a perna. — Nada partido.

— Deixa-me ir buscar-te gelo — diz Blanche, pegando rapidamente no vestido. Fecho os olhos por um momento enquanto ouço *clic-clac, clic-clac, clic-clac...*

Abro os olhos. Levanto o olhar e vejo Blanche correndo pelo meu apartamento com umas sandálias de salto alto. Deito a cabeça para trás, contra o sofá, e começo a rir.

— Onde está a graça? — pergunta Louis.

Aponto para Blanche, que embrulha gelo numa toalha das mãos e se dirige para nós.

¹ Traduzindo à letra, a Ventoinha Extraordinária ou do Caraças, referindo-se à empresa Big Ass Fans, fabricante de ventoinhas, ventiladores e afins. (N. de T.)

— Olha para ela — silvo. — Parece uma madrasta velha num filme pornográfico. — Louis olha para cima quando Blanche chega a trotar sobre os saltos, de sutiã e cuecas.

Eu rio sem parar. Blanche deita um olhar a Louis.

— Ela bateu com a cabeça?

Isto faz-me rir ainda mais. Blanche parece verdadeiramente preocupada, e ajoelha-se à minha frente para me dar o gelo. O seu peito gigantesco pressiona-se contra mim. Meu Deus, aquelas mamas. Não consigo afastar-me delas.

Portanto, desisto. Apalpo-lhe os seios.

— Oh! — Ela salta para trás, chocada.

Mas eu não os largo. Aperto-os como se estivesse a escolher fruta.

— Uau! — murmuro. — Muito mais naturais do que eu pensava.

Blanche está tão desorientada que se põe em pé de um salto e veste-se o mais depressa possível. Depois pega na carteira e sai a correr do apartamento.

Quando a porta bate, olho para Louis. A minha voz é fria.

— Se eu soubesse que ela era homofóbica, tê-la-ia apalpado mais cedo.

Louis limita-se a olhar-me.

— Tens a certeza de que estás bem?

— Não, Louis. Não estou bem. Acabei de assediar a amante do meu marido.

— Ela não é minha amante, Sylvia. Foi só esta vez, juro. Deixa-me explicar...

— Veste-te primeiro.

Louis baixa os olhos para os boxers e apressa-se a entrar no quarto. Eu massajo a perna dorida por um momento.

Louis volta, já de calças. Enquanto veste, precipitadamente, uma camisa, encosto a cabeça ao sofá e examino-o. É um homem atraente, com quase um metro e noventa, e o golfe e o ténis diários mantiveram-no em forma. O seu cabelo ficou grisalho há vinte anos, mas ainda tem muito. Percebo porque querem as outras mulheres fazer sexo com ele.

Finalmente vestido, ele olha para mim e expira.

— Sylvia, peço desculpa. Peço muita, muita desculpa.

— Ama-la?

— Claro que não. Isto foi mesmo um acaso.

Porque dizem os homens coisas tão estúpidas? Toda esta situação é tão patética que quase chega a ser cómica. Começo a rir outra vez, até perceber

que talvez seja eu que sou patética. Eu e Louis não fazemos amor há... já nem sei há quanto tempo. Será que já fizemos desde que nos mudámos para aqui? Estou a dar voltas à cabeça, tentando lembrar-me, quando ouço a voz de Louis intermitentemente:

— E, por isso, quando descobri que perdemos tudo...

Talvez na primeira semana? Devemos ter feito. Como posso não saber isto?

— E acho que estou em choque, Sylvia. Mas não te preocupes. Temos a nossa permanência aqui paga até ao final de maio. Por isso, hei de arranjar uma solução. Os advogados disseram...

— O quê? — Olho para Louis. Apercebo-me de que está a falar de algo importante.

— Disse que os advogados acham que conseguirão recuperar algumas das nossas poupanças. Pode é levar algum tempo.

— Que advogados? Do que estás a falar? — Esfrego a testa.

— Acabei de te dizer, Sylvia. A minha conta da reforma foi mal gerida pela empresa de investimentos que contratei no ano passado.

— O que significa isso? Pensava que tínhamos escolhido um plano de baixo risco para o nosso portefólio.

— E escolhemos — diz ele, corando. — Mas eu arrisquei. Não te disse porque sabia que ficarias nervosa. Mas os rendimentos eram do outro mundo. E eles tinham ótima reputação, e... merda. Fiz asneira. — Baixa os olhos.

— Louis — digo, muito devagar. — Perdemos o dinheiro todo?

Ele assente, com o rosto sombrio e carregado.

— Descobri na semana passada. Tenho estado a tentar avaliar os prejuízos, e lembrei-me de que a Blanche tinha um cargo importante no JP Morgan antes de se reformar. Por isso estava a falar com ela sobre estas coisas, e ela apresentou-me um advogado, e depois acho que estava a sentir-me muito em baixo e uma coisa levou à outra... — A voz falha-lhe.

— Então, deixa-me ver se percebi. Perdemos tudo. A Blanche dá-te um ombro onde chorar e um advogado a quem telefonares. E isso, por acaso, levou ao sexo?

Ele assente.

— Não te preocupes. Vou certificar-me de que ficamos bem.

Olho-o por muito tempo. Sei que devia sentir-me triste, e provavelmente um pouco assustada. Mas tudo o que sinto é um alívio muito, muito profundo. Sei exatamente o que vou fazer.

— Louis — digo. — Vou-me embora.

CAPÍTULO 2



Depois de sair do meu apartamento, dirijo-me diretamente ao de Evie. Ela deita um olhar ao meu rosto e insiste em que comecemos imediatamente a beber. Evie é a minha única verdadeira amiga no BBG. Conhecemo-nos na minha segunda semana e criámos imediatamente um laço. Isso foi apenas há um ano, mas parece que nos conhecemos desde sempre. Fazemos anos no mesmo dia. Ela acabou de fazer 70. Parece que fez 70 várias vezes, nos últimos anos. Mas eu finjo não saber disso. O que me importa? Para uma mulher que usa uma bengala — ela tem artrite nos joelhos —, seria um disparate subestimá-la. Quando o marido, Henry, era vivo, chamava-lhe General. Isso faz-me pensar que tinham um bom casamento.

— Qual era a textura delas? — pergunta Evie, enquanto dá um longo gole no seu *Cosmo*. Estamos no Moonlight's, o bar mais elegante do Boca. — Eram duras? Semiduras? Apertaste-as ou só as acariciaste, como quem faz festas a um gato?

Está, obviamente, a falar das mamas de Blanche. Pondero a minha resposta como se estivesse a tentar descrever o sentido da vida.

— Dei-lhes um bom apertão — acabo por dizer. — E depois fiquei agarrada a elas.

Evie atira a cabeça para trás e ri-se. Um grupo de pessoas ali perto vira-se e olha para nós. São cinco da tarde e a *happy hour* está em pleno. Foi uma sorte termos arranjado este compartimento. Mas a verdade é que estamos aqui desde as duas e meia, hora a que o local estava quase vazio, tirando os alcoólicos inveterados no bar.

Acabo a minha bebida — talvez a terceira? — e exalo um longo suspiro. Evie observa-me cuidadosamente, e o seu rosto fica sério. Passa uma mão pelo cabelo curto e louro. Muitas vezes, as pessoas confundem-na com a Jane Fonda, e eu sei que isso lhe agrada. Tem um certo charme que é difícil descrever. Até a sua bengala lhe dá algum estilo, em vez de a fazer parecer velha.

— Sylvia, lamento que isso tenha acontecido. Mas, o que vais fazer?

Antes que eu possa responder, um novo empregado aproxima-se. É jovem, com vinte e muitos anos, e tem a beleza que emana de toda a gente na casa dos 20. Pelo menos para mim.

— Olá, minhas senhoras. A empregada que vos estava a servir, a Cassie, acabou de terminar o turno. Tenho o prazer de a substituir. Mais uma rodada?

Evie assente.

— Pode apostar. Foi por isso que viemos de Uber.

— Vieram de Uber? Isso é fantástico.

— O que tem isso de fantástico? Que duas senhoras idosas saibam mexer num *smartphone*? — Os olhos de Evie estreitam-se.

— Não — gagueja o empregado. — Quero dizer, é fantástico que estejam tão na moda, e...

Tenho pena dele. Mas Evie sorri-lhe.

— Estou só a foder-lhe o juízo, querido.

Agora o empregado abre muito os olhos. Fica ali parado, sem saber o que fazer. Evie tem esse efeito nas pessoas.

Evie dá-lhe umas palmadinhas no braço.

— Vá buscar as nossas bebidas.

Ele assente, parecendo aturdido, e afasta-se.

Rio-me, grata por este momento leve.

— O que faria eu sem ti, Evie?

— Estou mais interessada, Sylvia, no que vais fazer, agora que descobriste que o teu marido é um traidor miserável que perdeu todo o vosso dinheiro.

Expiro e olho para o teto. A verdade é que o alívio que senti antes deu lugar a um pânico profundo.

Mas tento manter-me calma.

— Talvez as coisas não sejam assim tão más — digo, por fim. — Não sei o que vai acontecer ao meu casamento, mas, em termos financeiros, o Louis disse que ia resolver as coisas. E não é que estejamos realmente falidos. O cabeleireiro aceitou hoje o meu cartão de crédito. Não tive problemas na mercearia nem para pôr gasolina no carro. Portanto, na verdade, parece pior do que é. Mas vai ficar tudo bem.

Evie abana a cabeça.

— Tira a cabeça da areia. As coisas estão más. Mas já estavam más antes. Estavas presa numa vida que detestas.

— Isso não é... inteiramente verdade. — Mas, mesmo ao proferir estas palavras, sei que Evie tem razão. A minha vida está um caos. O meu marido irrita-me. Não temos dinheiro. Os nossos cartões de crédito acabarão por se esgotar. E não faço ideia de quanto dinheiro resta na nossa conta, se é que sobra algum. Os olhos enchem-se-me de lágrimas.

— Oh, Sylvia — diz Evie, quando eu começo a chorar.

— Não sei como pude ser tão estúpida — soluço. — O Louis tratou sempre dos investimentos. Mas eu pagava as contas e controlava o orçamento até ele se reformar e nos mudarmos para aqui. Ele transferiu tudo *online*, e parecia mais fácil deixá-lo tratar das coisas. Afinal, é contabilista! — Agora, as lágrimas correm-me livremente. — É um lugar-comum tão batido! Sou uma daquelas mulheres estúpidas que vemos nas minisséries e de quem não temos pena porque, no fundo, achamos que a culpa do que lhes aconteceu é delas.

— Isso não é verdade. — Evie esfrega-me o braço enquanto fala.

Apoio a cabeça nas mãos e choro. As mesmas pessoas ali perto viram-se e olham para nós. Começo a soluçar. Sempre fiz uma figura horrível quando choro. E claro que é neste momento que o belo empregado volta com as nossas bebidas. Coloca-as sobre a mesa sem uma palavra.

Evie estende-me o meu *Cosmo*.

— Sylvia, há um lado positivo nisto: é o pontapé no traseiro de que precisavas para pões a tua vida em ordem.

— Pontapé no traseiro? — gemo, enquanto dou, a custo, um gole na bebida. — É mais uma bala na cabeça. — Finalmente consigo controlar a respiração e limpo os olhos com alguns lenços de papel que tiro da mala.

Evie pega-me na mão. Fico surpreendida com a firmeza com que o faz.

— Uma bala na cabeça é teres cancro, ou esclerose lateral amiotrófica, ou descobrires que o teu filho teve uma *overdose* de uma droga qualquer da moda de que nunca ouviste sequer falar.

Olho para a minha amiga. Sei que está a falar do filho, e ela nunca fala do filho. Engulo em seco.

— Evie, eu...

— O que quero dizer, Sylvia — diz Evie, interrompendo-me —, é que estás numa encruzilhada. Podes seguir um de dois caminhos. Afogares-te em autocomiseração ou aproveitares esta oportunidade para assumires o controlo da tua vida. Eu dava tudo para ter 63 anos outra vez. Tens muito tempo à tua frente, e nem penses que vou deixar-te desperdiçá-lo.

Nunca a ouvira falar assim. Fico preocupada.

— Evie, tu também tens tempo. És muito jovem. Andas de Uber!

Mas Evie baixa os olhos para a mesa. Dobra um guardanapo de papel em três, vincando-o com força. Seguidamente, contempla as mãos por um momento. Nunca a ouvi tocar, mas parece que era uma pianista brilhante. Ainda tem dedos longos e graciosos. Mas a pele está fina e enrugada, marcada pelas linhas do tempo.

— Por agora podes ficar no meu sofá. Tiveste um choque terrível. Mas, depois, vais levantar-te como a mulher forte que és e fazer o que quiseres. Talvez viajes pelo mundo. Talvez vás a Paris, à Argentina e à Nova Zelândia.

Dou outro gole na minha bebida.

— Sempre quis viajar — confesso. — Mas o Louis nunca gostou. Detesta voar. E detesta hotéis. Quem é que detesta hotéis? Todas aquelas toalhas lavadas e aqueles frasquinhos de champô. Éramos para ir à costa amalfitana antes de nos mudarmos para aqui. Mas o Louis teve um pesadelo em que o nosso avião caía, por isso cancelou a viagem e, em vez disso, fomos para o litoral de Jersey.

Afasto o cabelo do rosto e penso em como estava zangada nesse dia. Passara três meses a aprender italiano. A minha filha, Isabel, ajudara-me a descarregar uma aplicação para o telemóvel. E estava a fazer bastantes progressos.

Sinto-me a ficar novamente acalorada e furiosa. Os olhos voltam a encher-se-me de lágrimas. Acabo a minha bebida. Como se seguindo uma deixa, o nosso empregado traz mais uma rodada.

— Por minha conta — diz ele, sorrindo-me. — Detesto ver uma mulher bonita chorar. — Evie faz um aceno de cabeça aprovador enquanto ele se afasta.

Pestanejo para conter as lágrimas. Gosto que digam que sou bonita. Mesmo que seja por alguém mais novo do que a minha filha, que quer uma boa gorjeta. Pego na minha bebida.

— Espera — diz Evie. Então, ergue o seu copo para fazer um brinde. — A ver o mundo. És uma mulher livre, com saúde e um passaporte.

Concordo. É verdade. Renovei o meu passaporte para ir a Itália. Está novinho, com um aspeto oficial. Tenho-o guardado juntamente com as joias, porque gosto de olhar para ele em ocasiões especiais. Dou um longo trago na minha bebida e, ignorando o facto de não ter dinheiro, perco-me numa fantasia. Estou num avião enorme. Envergo um daqueles conjuntos

de viagem casualmente elegantes sobre os quais li na *Vogue* — uma camisola leve de caxemira, calças *Donna Karan* e sabrinas. Tenho o *The New York Times* a espreitar da minha mala *Goyard*. Acabei de borrifar o rosto com um pulverizador hidratante, porque toda a gente sabe que o ar da cabina seca a pele. A hospedeira traz-me champanhe e eu digo «Obrigada, querida».

— Sylvia. — A voz de Evie intromete-se no meu devaneio e apercebo-me de que estou a beber de um copo vazio. Uau. Esta escorregou depressa. Estou um pouco tonta.

— Estás bem? — Evie parece preocupada. Mas eu assinto. Estou melhor do que bem. Estou a viajar pelo mundo. Sinto-me fabulosa. Sinto-me em primeira classe. Sinto-me livre.

Vomito.

BEM, NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE É UM SINAL DE JUVENTUDE VOMITAR num bar. Na manhã seguinte estou deitada no sofá de Evie, olhando para o teto. Graças a Deus que ela não tem uma ventoinha.

Sento-me cautelosamente. Não sei o que me dói mais, se a cabeça latejante ou as guinadas nas costas. Ou o meu ego. Encolho-me e amaldiçoó o facto de, apesar do meu nível alarmante de embriaguez, a minha recordação da noite anterior estar vergonhosamente intacta.

Foi como se nunca ninguém tivesse visto uma pessoa vomitar num bar. Bem, talvez ninguém tenha visto uma pessoa da minha idade fazê-lo.

— Sylvia — chama Evie. Ouço a sua bengala bater levemente no chão quando ela entra na sala. Traz um quimono sobre o pijama e parece demasiado fabulosa para quem acabou de passar uma noite a beber. Mas a verdade é que fomos expulsas do bar antes das seis da tarde, por isso ela deve ter tido uma boa noite de sono.

— Evie — gemo. — Como é possível não estares com uma ressaca?

— Sou uma protestante branca anglo-saxónica, querida. Aguento bem o álcool.

Obrigo-me a sentar-me direita e passo a mão pelo pijama de seda que Evie me emprestou. Evie senta-se na cadeira junto ao sofá e liga a televisão. São só cinco e meia da manhã, mas ela tem Apple TV, por isso facilmente encontra um episódio de *O Sexo e a Cidade* para vermos. O genérico anima-me sempre. Começo a abanar a cabeça, seguindo o ritmo. Mas o movimento causa-me náuseas. O sol da manhã começa a espreitar pelas cortinas.

— Como está a tua cabeça? — pergunta Evie, entregando-me um copo de água e dois comprimidos de *Alka-Seltzer*.

— Dói-me. Assim como o estômago. E estas vagas de humilhação não param. — Deixo cair os comprimidos dentro do copo e vejo a água borbulhar.

— Tiveste um bom motivo para afogar as mágoas. O segurança também achou.

Retraio-me. Credo. Quem diria que tinham seguranças em Boca? Mas, assim que vomitei, apareceu um e levou-me dali, para que os empregados de mesa e os ajudantes pudessem limpar.

— Ele foi muito simpático — admito.

Ela põe o episódio em pausa e vira-se para mim, assentindo.

— Trouxe-te cá para fora como uma princesa. Nem acredito que ele sabia quem era a Blanche.

— Eu sei — digo, e lembro-me de como, num estupor envergonhado e bêbedo, contei tudo ao segurança. Enquanto a Evie chamava o nosso Uber, ele sentou-se gentilmente no passeio a meu lado e disse que já tinha visto ali a Blanche, à procura de homens.

Evie abana a cabeça.

— Coitado do marido da Blanche. Não consigo parar de me perguntar se ela já o traía antes de ele ter Alzheimer.

— Tu e o Henry conheciam-nos antes de eles se mudarem para cá. Eram felizes?

— É difícil dizer. O Edward era um bocado fanfarrão e a Blanche foi sempre a Blanche. *Botox* e mamas.

Eu e Evie ficamos sentadas em silêncio por um minuto. Sinto, ao mesmo tempo, pena de Blanche e vergonha de mim mesma. Deve ser horrível ver o marido sofrer assim. Deveria ter sido mais madura? Em vez de expulsar Blanche do meu apartamento, deveria tê-la puxado à parte e ter-lhe dito, numa voz compassiva mas firme: «Blanche, embora isto não desculpe o teu comportamento, sei que a doença do teu marido deve ser uma tortura para ti e que foi por isso que foste para a cama com o meu»? O que teria feito Jesus? Claro que eu sou judia. Mas acho que Jesus também era.

Evie parece ler os meus pensamentos.

— Sylvia — diz ela. — A Blanche podia estar a passar por momentos difíceis. Mas não tem direito a um livre-trânsito só porque o marido está doente. E nada muda o facto de o Louis te ter traído. Tens mesmo de seguir em frente.

Suspiro. Sei que ela tem razão.

— Mas, primeiro, podemos acabar o episódio?

Evie carrega no *Play*, no controlo remoto. A série recomeça. Recostamo-nos e fugimos das nossas vidas enquanto Carrie, Samantha, Miranda e Charlotte discutem o *cunnilingus* à mesa do *brunch*.

CAPÍTULO 3



Deixei a companhia da Evie e estou, agora, sentada no chão do meu apartamento, junto à cama — não consigo convencer-me a sentar-me na própria cama —, olhando para o meu passaporte na caixa de joias. Levo-o ao nariz. Adoro o seu cheiro. Tão fresco e novo. Meto a caixa de joias e o passaporte num pequeno saco e fecho-o. A minha grande mala está aberta ao meu lado, no chão. Já quase acabei de a arrumar. Tento fazer uma seleção das minhas revistas. Tenho-as numa caixa, junto à cama. Há a *Vogue*, a *Town & Country*, a *Elle*, a *W* e um sortido aleatório de revistas de moda europeias. Adoro perder-me nas suas páginas reluzentes. Às vezes uso uma lupa para as ler. Louis sempre troçou de mim. Vasculho a pilha, meto apenas cinco das minhas preferidas na mala e continuo a arrumar coisas. Não há muito mais a fazer. Vi-me livre da maior parte das minhas roupas de inverno quando nos mudámos para aqui, porque sabíamos que o apartamento seria muito mais pequeno do que a nossa antiga casa. E quem precisa de *écharpes*, luvas e casacos de inverno na Florida? Isabel e Bunny — a sogra de Izzy — ficaram com o que quiseram, e depois doei o resto a um abrigo para mulheres.

Hum... Pergunto-me se já estará frio no Norte. Deixo a minha visão turvar-se e quase consigo ver as folhas cor de alperce a flutuar ao correr do vento de outono. Não posso evitar ansiar por uma das minhas confortáveis camisolas com fecho, e dou por mim a verificar o tempo no Connecticut no telemóvel, quando recebo uma mensagem de texto. É de Louis. *Posso chegar mais cedo?*

Faço uma careta. Tinha-lhe pedido para estar fora do apartamento entre a uma e as quatro da tarde. Achei que seria fácil para ele cumprir isto, já que tinha a sua partida de ténis semanal e depois cervejas com os amigos. Mas olho para as horas e são só duas e um quarto.

Escrevo: *A que horas?*

Ele responde de imediato: *Agora?*

Sinto uma vaga de irritação. Não respondo por algum tempo.
Ouço o sinal de mais uma mensagem a chegar. *Estou à porta.*
Cerro os dentes e levanto-me. Atravesso rapidamente o apartamento, até chegar à porta. Abro-a. Louis tem uma dúzia de tulipas nas mãos.
— Olá.
Cruzo os braços.
— O que aconteceu à tua partida de ténis?
— Faltei. Em vez disso fui dar um grande passeio e pensei em quanto te amo. As tuas preferidas. — Estende-me o ramo.
Olho para as flores, lindíssimas. Parecem caras.
— Pensei que estávamos falidos.
— Roubei-as de uma funerária.
Não consigo deixar de rir. Louis sempre foi engraçado. Olha-me nos olhos.
— Lamento tanto, Sylvia. Tanto, tanto.
— Não podes simplesmente trazer-me flores e esperar que esteja tudo bem.
— O que mais posso fazer? Assaltar uma joalharia? Uma loja de chocolates?
— Oh, Louis. Isto não se resolve com flores, brincos e trufas.
Louis muda o peso do corpo de um pé para o outro. Apercebo-me de que ele ainda está no corredor e afasto-me para que possa entrar no apartamento. Depois de fechar a porta, ficamos ambos de pé, no átrio, por um momento. Por fim pego nas flores.
— Bem, não podem estragar-se. — Dirijo-me à cozinha para as pôr em água. Louis segue-me.
— Fizeste mesmo as malas?
Assinto. Ele expira.
— Vais ficar em casa da Evie?
Assinto outra vez. Louis olha-me.
— Então, basicamente, comprei flores para mim mesmo?
Encolho os ombros.
— Acho que posso levá-las para a casa da Evie.
— Até que ponto me odeia ela?
— Se isso te faz sentir melhor, não me parece que alguma vez tenha gostado de ti.
Ele sorri tristemente.
— Eu sei. Porquê? Toda a gente gosta de mim.

É verdade. Louis é uma dessas pessoas.

— Acho que ela sabia que as coisas não estavam bem entre nós.

Louis abana a cabeça e pousa uma mão sobre o coração.

— Isso não é verdade, Sylvia. Eu amo-te. Tenho-te amado todos os dias, há quarenta e três anos.

— Nós somos casados apenas há quarenta e um anos.

— Sim, mas namorámos dois anos antes disso.

Louis parece triunfante. Eu ergo uma sobrancelha. Há uma paixão na voz dele que não ouvia há muito tempo.

— O que posso fazer para remediar isto? Porque não vou desistir. És tudo para mim. Eu sei que fiz asneira. Pensava que estava a investir bem o dinheiro e que te ia fazer uma surpresa, mas depois foi um desastre e assustei-me. Devia ter-te contado a verdade. Em vez disso tentei resolver o assunto sem tu descobrires e isso levou a uma decisão ainda pior. Aquele dia com a Blanche foi um caso isolado. Insanidade temporária.

Ainda estou de pé na cozinha e amparo-me ligeiramente na bancada. Louis disse tudo o que eu sempre quis ouvir. Parece apaixonado e sincero. Tenho a cabeça a andar à roda.

Louis aproxima-se mais e pega-me delicadamente na mão.

— E não sou idiota, Sylvia. Sei que não és feliz aqui. Fiz pressão para nos mudarmos para cá. Pensei, realmente, que seria ótimo. Que irias adorar.

— Mas eu disse-te categoricamente que não me queria mudar.

— Pensei que, se experimentasses, mudarias de ideias.

— Porque cancelaste a nossa viagem a Itália?

— O quê?

— Sabias o quanto eu queria ir. Sabias os planos que tinha feito. Mas cancelaste-a como se não fosse nada.

Louis parece desconcertado.

— Porque estamos a falar disso?

— Porque essa viagem a Itália é uma metáfora para tudo o que aconteceu. Mostra que eu sou secundária e tu fazes tudo o que queres. Agiste nas minhas costas e perdeste o nosso dinheiro. Traíste-me. Claro que agora estás a dizer todas as coisas certas. Mas como posso eu acreditar nelas?

O maxilar de Louis estremece ligeiramente. Abre a boca, e depois fecha-a. Algo dentro de mim se retrai.

Estará ele...?

Estará ele *irritado* comigo?

Semicerro os olhos. Conheço este homem demasiado bem. Está a morder a bochecha e a olhar por cima do meu ombro. Que é exatamente o que ele faz quando está a tentar não perder a cabeça.

Retiro a mão da dele. O movimento súbito surpreende-o. Aclara a garganta e fala devagar.

— Olha, Sylvia. Eu compreendo. Sentes-te tomada como garantida. E peço desculpa por isso. Mas as coisas vão melhorar.

— Quero o divórcio. — As palavras saem-me da boca antes de eu sequer pensar nelas. Mas, assim que as digo, sei que é a verdade.

— Não sejas estúpida — atira Louis. — Não podemos divorciar-nos. Não temos dinheiro para isso agora.

— Então esperarei até termos. Por agora vou sair daqui.

— E vais fazer o quê? Raios, Sylvia. Isto não é um episódio de *O Sexo e a Cidade* em que vais às compras e arranjas um novo visual para começares uma vida nova. Não és uma jovem. Não tens dinheiro. Não tens competências. Qual é o teu grande plano? Viver no sofá da Evie até ela morrer?

Dou uma bofetada a Louis. Ele parece atónito.

A sua face fica vermelho-viva e ele olha-me como se eu fosse um extraterrestre.

— O que se passa contigo?

— Comigo? Tu é que...

— Truz-truz. Cu-cu! Louis? A porta estava aberta.

Fico rígida. Não pode ser. Não pode.

Mas é.

Até Louis parece horrorizado quando Blanche entra na cozinha e para bruscamente. Vê-me e fica imóvel. Vira-se para Louis.

— A tua mensagem dizia para eu vir. Que ela tinha feito as malas.

Louis cerra os dentes.

— Eu disse para *não vires*. Que ela estaria aqui a fazer as malas.

Blanche parece sinceramente confusa, enquanto tira o telefone da mala e olha para o ecrã. Franze os olhos.

— Blanche, leste outra vez as mensagens sem óculos? — A voz de Louis está tensa. Viro-me e olho para Blanche. Ela cora e guarda o telefone.

Por fim, falo.

— Louis: porque estavas, sequer, a mandar-lhe mensagens?

Mas, assim que faço a pergunta, sei a resposta. Engulo em seco.

— Isto não foi um caso isolado.

Louis olha para o chão. Abano a cabeça. Sou tão estúpida.

Antes que eu possa responder, o telefone fixo toca. Todos nos sobresaltamos. Toca outra vez. Louis está mesmo ao lado dele. Como se em piloto automático, atende.

— Está? — Faz uma pausa e depois exala. — Isabel, não há problema nenhum. — Outra pausa. — Não sei porque a mãe não tem atendido o telefone. Provavelmente está ocupada.

Louis olha-me com um ar suplicante. Sei que a última coisa que ele quer é que eu conte a Isabel o que se está a passar. Estendo a mão para o telefone.

Entretanto, Blanche esgueira-se porta fora.

Faço outro gesto a Louis. *Dá-me o telefone.* Mas, em vez disso, ele fala rapidamente para o auscultador.

— Na verdade, eu e a mãe estamos no meio de uma coisa. Podemos telefonar-te mais tarde?

É inacreditável. Saio da sala e entro no quarto. Inspiro fundo e pego no auscultador do telefone junto à cama.

— Olá, Izzy! — Pronto. Juntei-me à conversa.

— Mãe? O que se passa? Porque não atendes o telemóvel?

— Está tudo... — A voz de Louis é rápida e brusca, mas eu interrompo-o.

— Desculpa, querida. Neste momento não estou muito bem.

— Foste ao médico?

— Não é nada disso. É que... bem, é um pouco difícil de explicar. Mas nada com que devas preocupar-te.

Ouçõ a voz de Louis ainda mais tensa na linha, quando ele tenta mudar de assunto.

— Como estás, querida? O Todd e as meninas estão bem?

— Fui nomeada sócia e as gémeas foram expulsas do infantário. O Todd acha que a culpa é nossa. Que trabalhamos de mais e que as miúdas estão a chamar a atenção. — A voz dela está calma, mas deteto um ténue estremecimento subjacente.

Eu e Louis ficamos calados por um momento. Por fim, digo:

— Izzy, que notícia maravilhosa sobre o teu emprego. Estamos tão orgulhosos de ti. Não te preocupes com o infantário. Há imensos sítios onde as meninas podem andar.

Quase consigo ouvir Louis a sorrir ao telefone.

— A tua mãe tem razão. E gosto que as minhas netas sejam indisciplinadas. É sinal de vitalidade.

— Não há mais nenhum infantário — diz Izzy bruscamente. — Esta é a

única escola da zona com imersão em duas línguas, que segue a abordagem Reggio. Eu sei que não fazem ideia do que isto significa, mas é importante. As meninas precisam de andar aqui para entrarem no jardim de infância certo. Todas as outras vão passar-lhes à frente. — A voz de Izzy soa cada vez mais alto.

— Respira, querida — digo eu. — Não duvido de que seja um sistema muito competitivo. Mas tudo se resolverá. Até podes organizar um daqueles grupos privados, se tiver de ser. Contratas os teus próprios professores. Acabei de ler um artigo acerca disso no *The New York Times*.

— Não quero que as minhas filhas sejam as miúdas esquisitas, educadas em casa!

Louis suspira.

— Talvez a escola tenha exagerado. Foi mesmo assim tão mau?

— A Everly atirou uma caixa de bolhas de sabão à cara de um miúdo e depois a Emerson deu-lhe uma cabeçada. Telefonei à pediatra e ela indicou-me um psicólogo para crianças. Depois perguntou se as meninas veem violência em casa. — A voz de Isabel falha-lhe e ela começa a chorar. — Foi humilhante. Como se fôssemos um casal rasca de um programa de televisão diurno e batêssemos um no outro.

Louis diz alguma coisa tranquilizadora, mas eu interrompo-o.

— Talvez os outros miúdos o tivessem merecido?

Isabel funga. Faz-se silêncio.

— Mãe, está tudo bem contigo?

— A tua mãe está ótima, querida.

Faço uma careta para o auscultador. Se Louis falar por mim mais uma vez que seja, é possível que o mate. Na verdade, preocupa-me um pouco a facilidade com que essa ideia me ocorreu. De repente sinto uma necessidade enorme de me afastar o mais possível daqui. Para o bem de todos.

— Isabel, querida. Queres que eu vá visitar-te? Podia ajudar com as meninas enquanto resolves as coisas.

Louis expira audivelmente.

— Sylvia, isso não é uma grande ideia neste...

Mas Isabel interrompe-o, numa voz aguda e infantil.

— Oh, mãe! Fazes isso?

CAPÍTULO 4



Sentada no Uber que Evie pediu para mim, olho pela janela e vejo as palmeiras esbaterem-se em silhuetas escuras sob o Sol poente. Passaram três horas desde que saí do meu apartamento com a bagagem. Quando contei a Evie tudo o que acontecera, eu e ela decidimos que eu devia dirigir-me diretamente ao aeroporto antes que perdesse a coragem. Na verdade, julgo que estávamos as duas um pouco preocupadas com os problemas em que poderia meter-me se ficasse mais um dia. Não me custou nada dar uma bofetada a Louis. E embora, momentaneamente, isso me pudesse fazer sentir bem, prefiro não assassinar o pai da minha filha. Não me parece que me fosse dar bem na prisão.

Como se lendo-me o pensamento, o meu telemóvel apita. É uma mensagem de Louis: *Por favor, volta.*

Apago a mensagem e guardo o telefone. Eu sabia que Louis não acreditara que eu partiria mesmo. Mas, como disse Evie, quem interessa aqui não é ele, sou eu. E, por isso, solto um longo e libertador suspiro. Enquanto o meu Uber sai da autoestrada para o aeroporto de Fort Lauderdale, recito, em silêncio, o meu mantra para esta viagem:

Não vou:

Dizer à minha filha que o pai dela é um canalha mentiroso e traidor.

Bip!

Mais uma mensagem de texto. Olho para o telefone e leio: *Isto é ridículo. Para de te comportares como uma criança.*

Começo a digitar furiosamente, mas depois paro e purifico-me mentalmente com:

Não vou:

Entrar numa guerra de mensagens escritas com o Louis.

Procurar no Google «Como me livrar de um corpo?».

Procurar no Google «Qual é o grau de simpatia de um júri para com uma mulher na casa dos 60?».

...

O MOTORISTA DO MEU UBER ENCOSTA NO TERMINAL DA AMERICAN Airlines e tira a minha mala do carro. Quando pego na carteira e me viro para entrar no aeroporto, aproxima-se um carregador.

— Posso registar a sua bagagem por si, minha senhora?

— Não, obrigada — digo eu. — Tenho de comprar bilhete.

Levo a bagagem sobre as suas rodas até ao aeroporto e ponho-me na fila. Evie teve a amabilidade de se oferecer para me comprar o bilhete. Mas há um limite para o que posso pedir à minha amiga. Por isso, enquanto espero para ser atendida, prossigo com os meus mantras:

Vou:

Manter-me calma e lembrar-me de que tudo aquilo por que passamos faz parte do nosso percurso de vida.

Manter-me serena e lembrar-me de que as dificuldades são as nossas professoras.

Manter-me centrada e lembrar-me de que nada é tão mau como...

Oh, foda-se!

— O que quer dizer com isso de os cartões de crédito terem sido cancelados? — Estou agora em frente do balcão dos bilhetes, olhando para uma funcionária da American Airlines. Na sua placa com o nome lê-se «Marjorie». Tem olhos de aço e nem uma ruga de expressão no rosto. Até o seu batom cor de amora parece maldoso.

— Lamento, minha senhora — diz Marjorie. Mas não parece lamentar de todo. Olha para trás de mim, para o número crescente de pessoas na fila. — Talvez possa afastar-se e discutir isto com o seu banco. Estou certa de que deve haver uma razão.

— A razão, Marjorie, é que o meu marido é um grandessíssimo idiota. — As palavras saem-me da boca antes que eu consiga detê-las.

Marjorie ergue uma sobrancelha, como se eu estivesse a desperdiçar o meu fôlego. Mas não me importo. Estou tão zangada que a minha pele lateja.

— Ele é um canalha manipulativo e infiel. Desculpe. Certamente não quer saber dos meus problemas pessoais. E porque haveria de querer? Olha para mim, apenas mais uma reformada do Sul da Florida com roupas limpas a seco e pensa: «Que problemas pode esta mulher ter além de verniz lascado nas unhas dos pés?» Bem, Marjorie, o meu problema é que o meu marido tem razão. Sou uma parva. Não posso deixá-lo. Nem sequer posso sair do estado da Florida. Sabe, o Louis não quer que eu vá visitar a nossa

filha. Tem pavor de que eu lhe conte como ele geriu mal o nosso dinheiro e dormiu com a maior puta de Boca Beach Gables. E por isso cancelou os nossos cartões. A culpa é minha. Abdiqueei da minha vida há muito tempo. Estou velha. Sou inútil. O Louis ganhou e eu perdi.

Ela olha-me por um longo momento, enquanto tento recuperar o fôlego. Desnudar a alma perante uma desconhecida é estranhamente libertador. Ao tentar reorientar-me, apercebo-me de que Marjorie pegou no meu Mastercard e está agora a teclar no seu computador.

Estou confusa.

— Pensei que tinha dito que os meus cartões estavam cancelados.

Ela continua a teclar.

— Tem milhas, não tem?

Sorrio tristemente.

— Somos só membros de nível prateado. As nossas milhas não chegam para um voo no próprio dia.

Ela prime mais uns botões no seu teclado. Não sorri, mas de repente já não parece tão maldosa.

— As suas milhas parecem-me mais do que suficientes. — Com um último clique, a impressora junto ao seu computador desperta e cospe um cartão de embarque e uma etiqueta para malas.

Marjorie entrega-mos. Seguidamente, pega na minha mala, identifica-a e içá-a para a passadeira rolante.

— Porta F4. Embarca daqui a uma hora. Próximo.

Está agora a olhar para trás de mim, esperando o passageiro seguinte. Mas não me mexo. Não consigo deixar de olhar para esta mulher maravilhosa. Adoro a Marjorie.

— Não sei o que dizer — começo, humildemente. — Fez-me recuperar a fé na...

— Minha senhora — diz Marjorie —, pode seguir, por favor?

Bem, suponho que nem toda a gente se sente confortável com emoções. Respeito isso. Assim, faço-lhe o meu aceno de cabeça mais solene e dirijo-me ao controlo de passaportes.

MEU DEUS, ADORO AEROPORTOS. SEI QUE A MAIORIA DAS pessoas os detesta. As filas. Os atrasos. O controlo de segurança demasiado zeloso, em que um estranho com luvas de látex me passa as mãos pelas costas, para cima e para baixo, também não é das coisas que mais me agradam. Mas adoro o ruído das rodas das malas a deslizar pelos

corredores. Adoro ver famílias a caminho de algum lado juntas, com as crianças a segurar caixas de chocolates de leite. Adoro os casais jovens com as suas mochilas, deitados no chão de uma porta abandonada, dormindo no ombro um do outro.

Assimilo tudo isto enquanto praticamente flutuo em direção à minha porta. De passagem, vejo a *Hudson News*. Adoraria comprar uma revista, uma garrafa de água e talvez umas amêndoas cobertas de chocolate. Mas depois lembro-me de que estou agora oficialmente falida. Na verdade, pergunto-me mordendo o lábio, quanto dinheiro tenho?

Saio rapidamente do quiosque e entro na casa de banho das senhoras. Meto-me numa cabina e tranco a porta. Estava a sentir-me tão bem, mas agora as mãos tremem-me enquanto penduro a carteira na porta e tiro de lá o porta-moedas. Conto lentamente as notas. Oitenta e oito dólares. Abro a divisória das moedas. Um olhar rápido diz-me que tenho quarenta e sete cêntimos. Fecho os olhos por um momento. Oitenta e oito dólares e quarenta e sete cêntimos!...

Inspiro fundo mais uma vez e controlo-me. Recuso-me a ter um ataque de pânico numa casa de banho de aeroporto. As coisas vão resolver-se. Com efeito, graças à minha nova pessoa preferida no mundo, a Marjorie, as coisas *resolveram-se* até agora. Olho para o relógio e vejo que está quase na hora de embarcar. Inspiro fundo e endireito a blusa.

Saio da cabina e vou lavar as mãos ao lavatório. Ao fazê-lo vislumbro novamente o meu relógio e pergunto-me quanto poderei obter por ele. É uma peça linda. *Cartier Vintage*. Ouro branco com pequenos diamantes no mostrador. Começo a animar-me. Deve valer, pelo menos, algumas centenas de dólares. Vou superar isto. Vou mesmo.

Quando chego à porta e me ponho na fila para embarcar, o meu telefone apita. É Louis: *Telefona-me logo que possas*.

Deito a língua de fora ao telefone precisamente quando a funcionária pega no meu cartão de embarque. Os meus olhos encontram os dela e o rosto arde-me. Tento voltar a meter a língua na boca com um ar casual. Ela nem pestaneja.

— Lugar 14A. Tenha um bom voo.

Enquanto caminho pela manga até ao avião, toco no botão de chamar do telefone. Louis atende a meio do primeiro toque.

— Sylvia? Onde estás?

— A entrar no avião. — O meu tom é seco; entro na cabina e encontro o meu lugar.

— A Isabel telefonou e disse que lhe deixaste uma mensagem dizendo que chegas ao JFK pouco antes da meia-noite.

— Exato. Disse-lhe que me deixasse uma chave. Entro sozinha e vou diretamente para o quarto de hóspedes. Queres saber mais alguma coisa?

— Como pagaste o bilhete?

— Certo. Obrigada por cancelares os nossos cartões, Louis. Foi uma atitude muito madura. Usei as milhas.

Ele fica em silêncio por um momento. Consigo ouvi-lo a pensar alto.

— Bem, como vais pagar um táxi até à casa da Isabel?

— A Evie descarregou a aplicação da Uber para o meu telefone. Está a partilhar a conta dela comigo. Pago-lhe assim que puder. Agora tenho de ir, Louis. O avião está quase a descolar.

— Espera! Sylvia, o que vais dizer à Izzy?

Faço uma careta. Claro que é isso que o preocupa.

— Vou dizer-lhe a verdade.

— Mas a verdade faz-me ficar malvisto.

— Sim, bem... e de quem é a culpa? Adeus.

Desligo a chamada e também o telefone. Seguidamente, encosto a cabeça ao assento e fecho os olhos. Adeus, Florida.